

**ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE
DOWN:
um estudo de caso¹**

**LITERACY FOR CHILDREN WITH DOWN SYNDROME:
a case study**

Camila Andrade Tarlei de Assunçãoⁱ

RESUMO: Esse artigo analisa a alfabetização de uma criança com Síndrome de Down nos primeiros três anos do ensino fundamental e como acontece o seu processo de ensino e aprendizagem, bem como, as dificuldades enfrentadas por ela e pelas professoras no contexto escolar. Foi realizada uma pesquisa qualitativa mediante entrevistas com 3 professoras de sala comum, do Atendimento Educacional Especializado e diário de campo. A pesquisa foi fundamentada teoricamente em Ana Aparecida O. M. Barby, Sandra R. K. Guimarães, Carla L. B. Vestena, entre outros. Concluiu-se que independentemente das suas limitações, todo aluno com Síndrome de Down tem capacidade de desenvolver suas habilidades quando o processo de ensino-aprendizagem é realizado de forma assertiva e em conjunto com escola, família e comunidade.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Alfabetização. Educação inclusiva.

ABSTRACT² : This article analyzes the literacy of a child with Down syndrome in the first three years of elementary school and how his teaching and learning process takes place, as well as the difficulties faced by him and

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: um estudo de caso**”, sob a orientação do Prof. Dr. Marion Machado Cunha - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/2.

² Resumo traduzido por Profa. Ma. Priscila Ferreira de Alécio, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT, Sinop). Mestra em Letras (PPGLEtras – UNEMAT).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4180046703299436>.

E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br.

his teachers in the school context. Was based on a qualitative approach through interviews with 3 teachers from the common room and Specialized Educational Assistance and a field diary. The research was theoretically based on Ana Aparecida O. M. Barby, Sandra R. K. Guimarães, Carla L. B. Vestena. Studies have shown that, regardless of their limitations, all students with Down's Syndrome have the capacity to develop their skills when the teaching-learning process is carried out assertively and together with the school, family and community.

Keywords: Down's syndrome. Literacy. Inclusive education.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo trata-se de uma pesquisa realizada em uma escola do município de Sinop. Nessa medida, o objetivo foi o de analisar como ocorre o processo de alfabetização nos anos iniciais de um estudante com síndrome de Down e que relações pedagógicas são produzidas com esse aluno na qual levantou-se dados referentes a sua alfabetização.

O trabalho nos auxilia a entender contexto educacional do município de Sinop e das leis que amparam a educação inclusiva e especializada. Para a realização dessa pesquisa foi observada a necessidade de voltar os olhos da sociedade para a educação inclusiva.

Sendo assim, deu-se a pesquisa por meio de entrevistas estruturadas e diário de campo, o objetivo da pesquisa era analisar a alfabetização de uma criança com SD no primeiro ano do ensino fundamental, portanto foi encontrado apenas uma criança dentro desses parâmetros, se tornando um estudo de caso.

A pesquisa foi feita em fases distintas do aluno, começando com análise do processo de ensino aprendizagem em seu primeiro ano do ensino fundamental, juntamente com a professora do Atendimento de Educação Especializado (AEE). Em seguida, no segundo ano do aluno foi realizado diário de campo, sendo três dias de observação em sala de aula regular. Por último momento, o aluno estando no terceiro ano, foi realizado uma entrevista com a respectiva professora de sala regular, acompanhando assim sua trajetória de desenvolvimento do primeiro ao terceiro ano.

Sustentamos nossa análise com base no referencial teórico fundamentado em Ana Aparecida de Oliveira Machado Barby, Sandra Regina Kirchner Guimarães, Carla Luciane Blum Vestena, Priscila Oliveira Alves e Maria Luísa Bissoto

2 DA INCLUSÃO A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Segundo o dicionário Aurélio de português (Aurélio, 2004) inclusão significa introdução de algo em ação de acrescentar, de adicionar algo no interior, de inserção. No âmbito escolar se discute

sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais e como fazer para que essa inclusão seja de fato estabelecida.

A Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1988), em seu artigo 208, inciso III, é a primeira a assegurar o atendimento educacional especializado para pessoas com deficiência (PCD's) garantindo esse direito preferencialmente na rede regular de ensino, propondo avanços significativos para a educação escolar e possibilitando o bem a todos sem discriminação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), denominada de Lei nº 9.394/1996, (Brasil, 1996) é outra ferramenta legal e essencial que trata da educação especial. Ela estabelece a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis de ensino e ordena que deve ser oferecida, de preferência, nas escolas regulares, com o apoio necessário para certificar o desenvolvimento educacional aos alunos com deficiência.

A LDB também apresentou bases legais para a criação do atendimento educacional especializado (AEE) no sistema de ensino, como dever do Estado. Os lugares e papéis dos professores ganharam um nova direção e posição no ensino regular.

A concepção presente quando se trata de inclusão escolar tem como foco a educação especial não somente garantindo educação escolar às pessoas com deficiência, mas tendo no Estado o papel de dever garantir esse direito.

As pessoas com deficiência têm o direito de permanecer em um sistema de educação inclusivo, ter condições de acessibilidade, ou seja, ao acessar, mobilizar-se, ter todo o apoio necessário aos processos de aprendizagem, garantido espaço específico de aprendizagem para além da sala comum.

Essas leis e normativas fortalecem a importância de oportunizar uma educação inclusiva, certificando que os alunos com deficiência tenham as mesmas oportunidades que os demais, e que suas individualidades e necessidades sejam respeitadas. A inclusão é vista como um processo contínuo entre escola, família e comunidade trabalhando em parceria.

3 O ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ao direcionamos para discutir e problematizar o estudante SD e o processo de alfabetização cabe registrar que a primeira descrição da Síndrome de Down se deu no século XIX, pelo médico pediatra John Down. Ele percebeu a semelhança de algumas crianças entre si, mas diferentes de seus pais. Isso o levou, no ano 1866 a caracterizar a condição de crianças associando às características com o povo da Mongólia, dando origem inclusive a terminologia conhecida como “mongoloide”.

Essa situação foi destacada por Alves (2018). Ainda Alvez observa que foi em “1958” em que “Jéromê Lejeune” identificou um erro na distribuição genética de uma pessoa com síndrome de Down que esteve em seu consultório, um cromossomo a mais. Nesse sentido a Síndrome de Down ou trissomia 21 como também é conhecida, é uma doença genética causada por uma anomalia no cromossomo 21, fazendo com que o portador tenha um cromossomo a mais no par 21, se tornado um trio e não um par, totalizando 47 cromossomos (ALVES, 2018)

O desenvolvimento da criança com SD é mais lento em razão das dimensões biopsico que são resultados das mudanças cromossômicas, e, geralmente se associam a algumas comorbidades, exigindo cuidados especiais e estímulos desde cedo para que consiga atingir um nível maior de aprendizagem.

Na pauta de ensino aprendizagem, destes observa-se que a pesquisa de Barby, Guimarães e Vestena, concluíram quanto a uma pesquisa direcionada para a construção da escrita de crianças com Síndrome de Down em escolas regulares, entre o planejamento e o tempo de aprendizagem

Concluiu-se que entre os alunos com Síndrome de Down, a aprendizagem da escrita acontece de forma semelhante à das demais crianças embora seja mais lenta. Assim, para garantir o processo de aprendizagem das crianças com Síndrome de Down sugerem-se adequações nos planos de ensino e no tempo estipulado pelos programas escolares convencionais (2017, p. 219).

Todavia no âmbito escolar esse estudante precisa de estímulo tanto na sala comum quanto em sala de apoio especial atendimento educacional especializado (AEE). Sabendo os objetivos dessa pesquisa e a complexidade do estudo de alfabetização de crianças com SD, vem nos questionamentos e indagações se é efetiva e eficaz essa alfabetização, já entendendo que elas são capazes de aprender mesmo com suas limitações e adequações. Sobre isso, inclui-se metodologias, adaptações, especializações e processos na qual os professores são responsáveis estimulando a desenvolver suas habilidades tanto motoras e intelectuais.

Outro aspecto custoso para o estudando com SD é o processo de fala e conseqüentemente em sua educação escolar, a leitura. O seu tamanho aumentado da língua, também conhecido como macroglossia (Cleveland Clinic, 2022), que em muitas pessoas com Síndrome de Down é uma característica comum e pode cooperar nos problemas com a fala. No entanto, o efeito dessa condição na linguagem vai além da medida da língua e envolve outros fatores como o muscular.

De acordo com Bissoto (2005, p. 82), esse atraso na linguagem pode afetar outras habilidades cognitivas: “Essas mesmas alterações linguísticas também poderão afetar o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas, pois há maior dificuldade ao usar os recursos da linguagem para pensar, raciocinar e lembrar informações”. Desse modo os primeiros anos de vida de qualquer criança são fundamentais para o seu pleno desenvolvimento. E para a criança com SD esse processo é crucial para construir uma base sólida para o seu crescimento intelectual, social e cognitivo.

4 METODOLOGIA

Este trabalho investigativo se insere na perspectiva da abordagem de Pesquisa Qualitativa tendo como sujeito da pesquisa um aluno de primeiro ano do ensino fundamental 1. A pesquisa acompanhou o sujeito nos três primeiros anos de alfabetização visando entender como se dá esse processo.

De acordo com Triviños (1987), a pesquisa qualitativa se usa para compreender as razões essenciais que ocorrem no fenômeno. Nossos instrumentos de coleta de dados se organizaram pelas

técnicas de observação livre de três dias em sala de segundo ano e entrevista semiestruturada (Triviños, 1987) com as respectivas professoras do primeiro e terceiro anos e AEE.

5 RESULTADOS

Das dimensões propostas pela pesquisa, o de apreender as relações pedagógicas mobilizadas para estudantes com SD nessa seção nos direcionaremos para três movimentos que qualificam nosso objeto de estudo.

5.1 Primeiro ano

O primeiro movimento refere-se ao processo de acompanhamento e registros de um estudante em uma escola pública municipal de Sinop, Mato Grosso, no primeiro ano do ensino fundamental. Traremos também alguns pontos de entrevistas feitas com a professora de sala comum no primeiro ano do ensino fundamental, professora do AEE.

Nosso sujeito tem oito anos e atualmente no terceiro ano do ensino fundamental I. Uma pessoa de muita interação social. É uma pessoa dispersa, extrovertida e muito inteligente. É um aluno muito prestativo que gosta de ajudar a professora e os demais colegas na sala de aula. Amoroso tem muito apoio dos familiares, apoio escolar, aulas de natação para o desenvolvimento motor, atendimento na sala de AEE e um auxiliar em sala contribuindo no auxílio das atividades no âmbito escolar.

Através da fala da professora de sala regular no primeiro ano podemos observar como se dá o comportamento desse aluno ao adentrar no ensino fundamental:

(01) Professora 01: Ele nunca demonstrou questão de agressividade, de querer sair da sala, de fugir mesmo, no laudo está só o Down, não tem nada, não tem TOD, não tem TDHA, não tem nada que possa comprometer, então ele é querido, ele é amoroso, relação dele com as crianças, as crianças adoram ele agora melhorou, que no começo do ano pra chamar atenção ele ia andando pelas mesas e ele ia derrubando todo material das crianças no chão, ai eles ficavam bravos porque numa dessa ele quebrou três garrafas, estragou estojo, então aos poucos ele entendeu que essa atitude não era uma atitude legal e que estava afastando os amigos mas a grande maioria já veio com ele da EMEI, já conheciam ele, então já foi um processo mais facilitado (Entrevistada em 18 de outubro de 2022).

Mesmo o aluno já conhecendo as crianças que estavam na mesma sala de aula podemos perceber que o contexto mudou, a sala de aula não é tão lúdica quanto a que ele estava acostumado, as carteiras eram diferentes e a dinâmica também. Outro aspecto perceptível é que o aluno assim como os demais estava se adaptando, porém para ele demorou um pouco mais devido sua capacidade intelectual mais lenta, mas aos poucos seu comportamento foi se moldando.

Como qualquer criança o aluno com SD também é muito disperso e não é diferente com o Amoroso. Podemos observar nas palavras das professoras 1 e 2 que ele é um aluno oral e tem muita dificuldade na parte da escrita.

As professoras relataram que precisam fazer combinados com ele para que a atividade proposta seja cumprida, como vemos na fala da Professora 2:

(02) Professora 2: Ele tem ótima compreensão, porém ele sempre quer fazer outra também e a gente tem que fazer os combinados. Aqui a gente tem essa mesa, tem os tablets, tem um computador, ele sempre quer essa mesa e ele também tem diversas atividades nela, assim como a coordenação motora, tem todo o alfabeto passar por cima tem a borracha, tem as cores, tem atividades de jogo de memória ali, então tem atividade de desenho livre e ele tem, ele é cheio de argumentos, se você vê você se apaixona. Ele chama muita atenção assim, sabe que ele é bom, ele sabe tudo assim, os livros, ele chega, vai direto nos livros, ele quer cantar, aí ele faz, ele quer fazer a rotina dele e no final você propõe a sua né, mas dá para trabalhar tranquilo. O que ele vê aqui, é direcionar a atividade e depois argumentar com ele, fazer atividade divertida. (Entrevistada em 22 de outubro de 2022)

Em entrevistas podemos identificar o quanto a escola esteve em conjunto com a família e atendimento especializado tanto dentro como fora da escola, visando esse desenvolvimento pleno, alcançando os níveis desejados para a fase escolar em que o aluno se encontra. Existem materiais que as docentes adaptaram para que tenha seu desenvolvimento alavancado em relação aos demais alunos, como tesouras, cola líquida para que ele não coloque na boca (foi um dos problemas relatados pela professora 1), quadro do tamanho da carteira, pincel e lápis grossos para desenvolvimento do tônus muscular das mãos e régua vazada de diferentes tamanhos para que o espaço da letra seja delimitado.

Em relação ao início do primeiro ano até outubro de 2022 o aluno teve melhora significativa tanto no comportamento, desenvolvimento motor e intelectual.

5.2 Segundo ano

Nossa pesquisa se direcionou nessa fase por uma observação de três dias livres, sobretudo, atenta da rotina desse estudante, situando-o no contexto escolar e nas relações que se instituíam com seus colegas e professores, dessa vez no período de maio de 2023, onde o aluno está situado no segundo ano do ensino fundamental.

A dinâmica da sala de aula em que nosso aluno está inserido na maioria das vezes decorre da mesma maneira, começa com uma leitura de quadrinhos infantis, onde cada aluno escolhe seu quadrinho e le sozinho na carteira. O aluno com SD sempre está disposto e prestativo a ajudar a distribuir os quadrinhos e recolher ao final do tempo de leitura.

Nesse período do ano letivo o aluno já escreve sem a contribuição da régua vazada, faz leitura de pequeno texto e com a ajuda do auxiliar designado para ele consegue compreender as atividades

propostas pela professora. Quanto as atividades, verificamos que as mesmas são adaptadas e menos extensas em relação a dos demais alunos.

Podemos notar que a maturidade em seu comportamento está mais desenvolvida, porém, devido a sua falta de foco houve momentos em que ele precisou de auxílio.

“O auxiliar deu suporte ao aluno na colagem do Mosaico onde ele já tem o movimento de pinça, mas como ele se dispersa fácil houve a necessidade de que o auxiliar falasse com ele de maneira firme para que ele pudesse focar novamente e terminar a atividade.” (diário de campo).

5.3 Terceiro ano

Na terceira fase do ensino fundamental foi elaborado entrevista com a respectiva professora de sala regular no ano de 2024. A mesma relatou que já havia tido contato com o aluno na educação infantil quando ficou responsável pela turma em que ele estava inserido como docente. Nos referimos a ela nesse ponto como Professora 3. Ela relata o que foi trabalhado nessa fase inicial e compara com o conteúdo e habilidades trabalhadas no terceiro ano, vejamos:

(03) Professora 3: Na educação infantil a gente não tem a questão da alfabetização, então o que nós trabalhávamos com ele era questão de interação, socialização e independência, a questão do desfralde foi de uma forma tranquila e a interação também sempre foi muito bem com as outras crianças, as crianças também o recebem muito bem, ele é muito carinhoso com todos, eu sentia isso tanto na educação infantil quanto aqui, então as crianças tem um cuidado bem excessivo, as crianças são muito atenciosas. Essa questão da socialização que eu acho que ele interage bastante, socializa bastante com os outros, essa questão de fazer amizade na educação infantil era mais em relação a isso. Em relação ao social, e aí aqui a gente tem mais uma outra questão da aprendizagem mesmo, de vencer conteúdo e tudo mais. O que é eu reparo em relação às outras crianças típicas é que ele está um pouquinho em defasagem as demais, então assim para o conteúdo do terceiro ano ele está um pouquinho atrás dos demais, mas é uma criança que já sabe ler, consegue formar palavras, palavras simples ele consegue formar, então assim, até uma questão que dentro da síndrome de down eu acho que ele é uma criança bem avançada. (Entrevistada em 02 de setembro de 2024)

Assim como no início do ensino fundamental o aluno ainda tem atividades em contra turno que o deixam bem cansado quando precisa realizar as atividades em sala de aula. Porém a professora relata que a família e apoio foram fundamentais em toda a sua jornada de desenvolvimento.

A professora 3 também nos traz suas dificuldades na alfabetização desse aluno, que está especificadamente na oralidade do aluno que não está desenvolvida. Ela relata que não há acompanhamento do profissional fonoaudiólogo e que ele tenta se expressar, mas não consegue compreendê-lo, dessa forma, o andamento da sua alfabetização fica prejudicado.

Vemos claramente como se dá o processo de alfabetização desse aluno e o quanto as ações em conjunto da escola, comunidade e família tem contribuído para o desenvolvimento pleno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a pesquisa se desenvolveu de forma satisfatória, visto que, através dos olhos das professoras e observações pude entender mais como ocorre a metodologia de alfabetização da criança com Síndrome de Down, como também dificuldades enfrentadas e quais adaptações o aluno com SD necessita para atingir o objetivo da aprendizagem.

Podemos concluir então que ainda que cada indivíduo tem suas peculiaridades as crianças com SD compartilham de algumas características, comorbidades e dificuldades, mas que com o apoio e estímulos adequados, conseguem se desenvolver como as demais típicas em seu contexto de vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Priscila Oliveira. O processo de alfabetização do aluno com síndrome de Down na escola. **UNISANTA Humanitas**, v. 7, n. 2, 2018, p. 126-137.
- BARBY, A. A. de O. M.; GUIMARÃES, S. R. K.; VESTENA, C. L. B. A construção da escrita em crianças com síndrome de Down incluídas em escolas regulares. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 30, n. 57, p. 219-234, 2017. DOI: 10.5902/1984686X19944. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/19944>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- BISSOTO, Maria Luísa, Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciências & Cognição**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 80-88, 2005. Disponível em <http://revista.cienciasecognicao.org/index.php/cec/article/view/485>. Acesso em: 21 out. 2024.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 16 out. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases. Brasília: Presidência da República, 1996
- CLEVELAND CLINIC. **Macroglossia**. Página institucional. Disponível em: <https://my.clevelandclinic.org/health/diseases/22544-macroglossia>. Acesso em: 21 out. 2024.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas S.A., 1987.

Recebido em: 6 de novembro de 2024.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2024.

<https://doi.org/10.30681/reps.v15i3.13174>

ⁱ **Camila Andrade Tarlei de Assunção**. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2024/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1570752844706402>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3602-7124>

E-mail: camila.tarlei@unemat.br